

Por uma geografia dos centros transacionais¹

DOI: 10.54446/bcg.v13i1.3177

Jean Gottmann²

A presente comunicação visa chamar a atenção dos geógrafos sobre a necessidade de um novo capítulo em nossos estudos e pesquisas em geografia urbana e até mesmo em geografia econômica geral. O geógrafo sempre estudou a distribuição no espaço das atividades econômicas distinguindo as funções de produção, distribuição e consumo de diferentes produtos. Raramente são considerados como atividades econômicas os serviços que não manuseiam produtos concretos: assim, as funções governamentais, a administração em geral (incluindo a administração judicial), a educação, a informação, a recreação, os serviços médicos e de pesquisa têm sido claramente negligenciados pela geografia econômica e urbana. Apenas as capitais políticas têm sido reconhecidas como uma categoria urbana distinta, sobretudo aquelas situadas em cidades criadas para esse fim; em seguida, a expansão recente das atividades de lazer provocou um certo interesse pelas consequências dessa evolução social na geografia econômica.

Meus estudos sobre a urbanização, sobretudo no Ocidente, levaram-me recentemente a conceber a necessidade de um setor que se ocupasse da repartição das atividades transacionais e estudasse particularmente a concentração destas atividades em certos tipos de centros urbanos. A vitalidade e as estruturas internas da maioria das grandes cidades modernas dependem agora das suas funções "transacionais", ou seja, do conjunto de transações abstratas que nelas têm lugar. Sem necessariamente manipular quantidades significativas de mercadorias concretas no próprio lugar, essas transações organizam e dirigem os processos de produção e distribuição dessas mercadorias, bem como a vida política e social das vastas áreas circundantes. Fala-se muito de "centralidade urbana", de descentralização e de "polos de crescimento", negligenciando-se esses feixes de atividades transacionais diversas que se entrelaçam nas encruzilhadas situadas no coração das grandes aglomerações e de algumas cidades médias. É tempo de reconhecermos a sua importância, a sua distribuição e os seus mecanismos. A competição entre cidades e regiões e as necessidades dos centros em expansão dependem, em grande medida, da geografia das transações.

1 Ensaio originalmente intitulado "*Pour une géographie des centres transactionnels*", publicado no Bulletin de l'Association de Géographes Français, 48e année, n. 385-386, pp. 41-49, 1971.

Traduzido do idioma original por Victor Lamonti e Wagner Nabarro.

2 Jean Gottmann (1915-1994) foi um geógrafo de origem ucraniana, atuou na França e nos Estados Unidos desenvolvendo trabalhos notáveis nas áreas da Geografia Urbana, Econômica e Regional.

I. Evolução das funções de centralidade

Desde o final do século XVIII, a Revolução Industrial dominou o fenômeno da urbanização em todo o mundo, concentrando nas aglomerações urbanas as fábricas, armazéns e massas de trabalhadores. No século XX, a principal função centralizadora das grandes cidades deixou de ser a indústria de transformação. As fábricas estão se dispersando mais e mais ao longo das principais artérias de circulação, que também se multiplicam e se diversificam. Elas migram em direção à periferia das aglomerações e, muitas vezes, preferem cidades médias ou mesmo pequenas às grandes metrópoles. Essa nova repartição dos instrumentos de produção resulta de múltiplas causas: as desvantagens do congestionamento dos acessos e os custos elevados em grandes aglomerações; a maior facilidade de transporte, que permite se afastar das principais encruzilhadas; o aumento da produtividade e da automação que eliminaram a necessidade de proximidade a um mercado concentrado e massivo de mão de obra. Por fim, a legislação que impõe a descentralização industrial das maiores aglomerações favorece a dispersão de novas implantações.

Na França, essa legislação visava sobretudo a descentralização das indústrias da região parisiense em favor das províncias; mas regulamentações semelhantes foram aplicadas na Grã-Bretanha para descentralizar a partir de Londres, na Holanda em relação a Amsterdã, etc. Na maioria dos países europeus, os esforços de planejamento incentivaram a dispersão das indústrias. No entanto, as grandes metrópoles continuam a crescer; seus distritos centrais, longe de se esvaziarem, parecem mais congestionados do que nunca. Nos Estados Unidos, onde grandes cidades atravessam um período de crises políticas, sociais e financeiras muito difíceis, os teóricos avançaram na hipótese de uma dissolução gradual e quase total da concentração urbana em um magma metropolitano e "rurbano" cuja estrutura nebulosa teria desafiado qualquer noção clara de centralidade³. E, no entanto, se os distritos centrais das grandes cidades têm continuamente perdido em população residente, esses distritos mantêm frequentemente uma vitalidade exuberante durante as horas de expediente, refletindo a concentração de atividades diversas que não são nem puramente industriais nem residenciais.

A concentração mais evidente nos distritos centrais é a de atividades de escritório. Os documentos técnicos oficiais ingleses têm reconhecido desde 1960 que a concentração e expansão de escritórios em Londres não havia sido prevista por pesquisas e planos anteriores; a política de descentralização anteriormente aplicada aos estabelecimentos industriais foi estendida aos escritórios através de uma série de medidas cujo êxito foi variável e que, até agora, resultou mais em desconcentração (ou seja, transferência para a periferia, por vezes distante, da região de Londres) do

3 Ver, por exemplo, as conclusões de Don Martindale em seu prefácio "The Theory of the City" à edição americana de Weber, Max. *The City*. The Free Press, Glencoe, Illinois, 1958, pp. 9-62. Recentemente, esse ponto de vista foi novamente defendido em sua forma mais extrema por Berry, Brian J. L. *The geography of the United States in the year 2000*. *Transactions of the Institute of British Geographers*, Londres, n. 51, novembro de 1970, pp. 21-51; também na revista *Ekistics*, Atenas, n. 174, maio de 1970, pp. 339-351.

que numa verdadeira descentralização para as províncias periféricas do Reino Unido⁴. A distância do centro de Londres parece aceitável para muitos escritórios, desde que as conexões permitam lidar com alguma questão no centro e voltar em meio dia. Uma boa ligação ferroviária permite estender o raio dessa zona cem quilômetros, mas, dentro dessa zona, limita os locais adequados para cidades conectadas por trens rápidos e frequentes às estações de Londres. Esse tipo de consideração começa a afetar os planos das "new towns" da região.

Se considerarmos sob um mesmo ângulo os casos muito diferentes de Paris, Nova York, Chicago, Montreal, Toronto, Tóquio e Amsterdã, encontraremos em todas essas metrópoles, e em muitas outras, tendências semelhantes, embora as legislações variem de um caso para outro. Mas os esforços e tendências para a descentralização de escritórios até agora tiveram apenas efeitos limitados. Apenas flexibilizaram os distritos de negócios. No entanto, os escritórios onde as transações são preparadas e executadas, sejam elas políticas, administrativas, judiciais, financeiras, econômicas, técnicas ou culturais, requerem acesso fácil e frequente ao principal centro transacional da metrópole, onde as relações são forjadas, onde as informações são trocadas, onde as competências se reúnem. São transações no sentido amplo do termo, abrangendo as atividades administrativas públicas e privadas, profissões liberais especializadas, assessoria técnica de todos os tipos (de assessoria jurídica e consulta médica ao contador e especialista em todos os tipos de campos), pesquisa e ensino superior, informação e imprensa, artes gráficas e plásticas e, claro, as mais diversas atividades financeiras (bancos, bolsa de valores, crédito, seguros, etc.).

Todas essas atividades transacionais estão intimamente relacionadas umas às outras. Eles são interdependentes de várias maneiras: primeiro pela necessidade de um ponto central por definição, ou seja, um ponto com múltiplos acessos, fácil, bem servido em todas as direções; pela necessidade de serviços externos à transação propriamente dita e às instalações do escritório *stricto sensu*, para que o trabalho transacional busque locais com infraestrutura especializada (laboratórios, centros de computação e informática, bibliotecas, salas conferências, serviços de tradução etc.) e um ambiente agradável de lazer, relaxando as partes envolvidas, atraindo clientes e colaboradores exigentes (como os restaurantes, equipamentos hoteleiros, shows, teatros, exposições, monumentos, museus, instalações esportivas, boates, etc.). Em alguns casos, a qualidade do ambiente físico será levada em consideração e as cidades com essas comodidades, como Nice, Genebra, São Francisco, colherão benefícios cumulativos. Pois a função do centro transacional se tornou muito desejável; as cidades competem e a competição em algumas partes do mundo pode ser acirrada.

4 Daniels, Peter W. Office Decentralization from London — Policy and Practice. *Regional Studies*, v. 3, 1969, pp. 171-178; igualmente Gottman, Jean. Office Growth and Decentralization: the case of London. *Geographical Review*, vol. 61, janeiro 1971, pp. 136-138.

Finalmente, as atividades transacionais são interdependentes pela própria natureza de seus trabalhos, baseados na compilação e interpretação competente de informações de natureza muito variada e exigente de pessoal especializado e de alta qualidade. É óbvio que o governo precisa estar constante e totalmente informado. Um mercado de informações será complementar aos escritórios oficiais em qualquer capital. A administração de assuntos públicos e privados é complementar em vários aspectos às funções do governo e às da mídia de massa (entre as quais a publicidade não deve ser negligenciada). Todas essas autoridades exigem atualmente que sua análise dos fatos seja preparada por trabalhos de pesquisa, daí a infraestrutura especializada e diversificada dos trabalhos transacionais e, portanto, também os contatos frequentes entre centros de tomada de decisão e centros de pesquisa e ensino superior. O novo sistema de centralidade urbana demonstra todas as profundas complementaridades que ligam o Palácio, o Mercado, a Academia e as Artes no trabalho cotidiano. Basta olhar para os detalhes da geografia do centro de Paris, Londres, Nova York, Tóquio e até de Moscou para perceber isso.

Há, naturalmente, uma categoria de destaque dos principais centros transacionais: as grandes cidades internacionais, onde uma concentração secular de poder político e financeiro criou um ambiente adequado e o volume de transações permitiu manter e adaptar a infraestrutura e os atributos necessários de centralidade; assim, Londres e Paris, Nova York e Washington, Roma, Amsterdã e Bruxelas, Moscou e Pequim, Tóquio e Kyoto, Cidade do México e Buenos Aires. Mas há um grande número de casos mais complexos, menos solidamente estabelecidos e nem todos com a vantagem da massa: Zurique e Genebra, Boston e Ottawa, Grenoble e Edimburgo ou mesmo Hong Kong. Além disso, havia grandes centros transacionais do passado cujo declínio foi impressionante, mesmo que não seja aparente nos números da população: como Nápoles e Constantinopla-Istambul.

De todos os múltiplos equipamentos exigidos pela nova função transacional em centros urbanos, a abundância de instalações adequadas é naturalmente a primeira. Como essa expansão moderna do trabalho transacional no escritório parece ter ocorrido inicialmente nos Estados Unidos, as grandes cidades americanas forneceram, na forma do "arranha-céu", um estilo arquitetônico que se espalhou amplamente pelas grandes cidades do mundo. O agrupamento de torres comerciais e, às vezes, de torres de usos múltiplos caracteriza o centro das metrópoles transacionais⁵ em nosso tempo. Se Nova York e Chicago ainda têm os "skylines" cujos picos se pronunciam mais audaciosamente no horizonte, esse espetáculo é encontrado cada vez mais em outros lugares. Paris e Londres há muito resistem a essa tendência de momento vertical que a Torre Eiffel havia anunciado; mas mesmo nesses altos lugares da tradição, as altas torres começam a ser erguidas e a se multiplicar.

5 Ver Gottmann, Jean. *Why the Skyscraper*. *Geographical Review*, v. 56, 1966, p. 190-212, e Gottmann, Jean. *Essais sur l' Aménagement de l'espace habité*, Paris, Mouton, 1966, em particular o capítulo IX.

A paisagem dos centros transacionais adquire características particulares. Mas a profundidade e extensão dessa evolução são melhor compreendidas quando associamos o dinamismo dessa nova centralidade à evolução dos mercados de trabalho que ela reflete e exige ao mesmo tempo. Porque a cidade também desempenhou parte de seu papel de centro nas funções transacionais de seu palácio, templo, mercado e escola. O centro de transações de nosso tempo evoca a ágora grega e o fórum romano. Mas o fenômeno agora está assumindo uma forma massiva e dominante, o que lhe confere um novo papel geográfico.

II. A evolução do emprego: o quaternário

A mecanização e a racionalização da produção levaram, no século XX, a um crescente divórcio entre o volume de produção da maioria das mercadorias e bens manufaturados, por um lado, e o número de funcionários empregados na produção, por outro. A evolução é bem conhecida tanto pela agricultura quanto pela mineração. As regiões de produção tradicionais de matérias-primas, agrícolas e minerais encontram-se carregadas de mão de obra excedente. A Revolução Industrial, que começou no noroeste da Europa há duzentos anos, concentrou as massas trabalhadoras nas fábricas. Hoje, a automação da produção da fábrica está aumentando rapidamente a produtividade do trabalhador industrial.

A proporção da população ativa empregada em atividades de produção está diminuindo nos países de economia avançada. A agricultura ocupa apenas 6% da população ativa nos Estados Unidos, 7% no Canadá e outros 14% na França (mas onde essa proporção chegou a 28% ainda em 1954). Todo o setor de mineração emprega menos de um por cento da força de trabalho nos Estados Unidos. Se as estatísticas de emprego na manufatura e nos serviços ainda estão aumentando nos países de economia avançada, é principalmente por conta da expansão do trabalho não manual (ou a chamada categoria "*white-collar*").

No interior das empresas industriais, a porcentagem de funcionários aumenta às custas da dos operários. Os números são muito claros a esse respeito. Nos Estados Unidos, onde as estatísticas distinguem entre trabalhadores da produção e trabalhadores que não são da produção, a proporção destes últimos está aumentando constantemente. Em toda a população trabalhadora, os "*white-collar workers*" prevalecem desde 1955 e cada vez mais sobre os "*blue-collar workers*" (ou seja, os trabalhadores de "macacão"). É interessante observar que, desde 1967, o número dos funcionários de faculdade (professores e serviços administrativos) em estabelecimentos de ensino superior nos Estados Unidos supera o número de funcionários empregados por todas as indústrias de mineração, por mais que os Estados Unidos ainda seja o maior produtor de minérios do mundo. Na Grã-Bretanha, dependendo da categoria da indústria, as indústrias transformadoras empregam de 20 a 40% de sua força de trabalho total em trabalhos não manuais (pessoal administrativo, científico, técnico e comercial) em escritórios e laboratórios. Na

França, embora essas estatísticas sejam menos detalhadas, as mesmas tendências estão se afirmando e se acelerando⁶.

A evolução do emprego se mostra irreversível em direção a categorias que exigem menos trabalho braçal e mais massa cinzenta. Isso foi apontado várias vezes desde o início do século e desde 1930 se fala em "crise do proletariado". A crise não se fazia sentir mais fortemente desde 1945, porque ela coincidiu com um forte período de expansão econômica e com a organização de uma seguridade social generalizada. No entanto, ela tem sido bem compreendida pelos vários Estados que têm incentivado as novas gerações a prosseguirem os seus estudos até a obtenção de um diploma que lhes garanta o acesso a empregos qualificados nas categorias socioprofissionais em crescimento. A porcentagem de jovens de 18 a 25 anos que cursam o ensino superior ultrapassou 35% nos Estados Unidos. Se ainda não atingiu esse nível na Europa, está crescendo rapidamente; a expansão das universidades francesas, britânicas, alemãs e italianas também atesta a evolução da população ativa em direção a novas estruturas.

As categorias de trabalho em expansão precisam ser definidas, distinguidas, identificadas e examinadas. A linguagem dos economistas e sociólogos utilizou, desde 1940, a divisão das atividades econômicas em três setores propostos por Colin Clark: o setor primário, correspondente à produção de matérias-primas (agricultura, pesca, florestas e minas); o setor secundário correspondente à transformação e produção de objetos manufaturados (isto é, indústrias manufatureiras); e o setor terciário correspondente a serviços. O terciário tradicional agrupava atividades de distribuição: transporte, comércio atacadista e varejista, hotéis e serviços pessoais (trabalhadores domésticos, donos de garagem, cabeleireiros etc.), além de atividades das profissões liberais, administração, ciência e informação. Desde 1961, propus distinguir um setor quaternário (que algumas vezes preferiram designar como "o terciário superior"). Era uma questão de agrupar atividades que empregavam sobretudo mão de obra não manual qualificada, especializada, especialmente treinada para esse fim e responsável⁷ (naquilo que em determinado estágio da tecnologia exclua a automação, a máquina não pode ser responsabilizada). Nos últimos anos, o termo começou a ser usado em serviços que estudam a evolução do mercado de trabalho. Por "Quaternário" entende-se os empregos administrativos, científicos, técnicos e a maioria das profissões liberais. É difícil compilar estatísticas em nível internacional, pois as várias definições e categorias de institutos nacionais de estatística são pouco consistentes nessa área.

6 Cifras retiradas dos Anuários Estatísticos dos países mencionados; ver também o Anuário da Organização Internacional do Trabalho, Genebra. Também insistimos nessas tendências em nossa palestra inaugural em Oxford. Gottmann, Jean. *The renewal of the geographic environment*, Oxford, Clarendon Press, 1969.

7 A primeira definição do quaternário foi proposta em Gottmann, Jean. *Megalopolis*, Nova York, Twentieth Century Fund, 1961, capítulo XI, "The White Collar Revolution", em particular pp. 577-582, e retomado em vários de nossos artigos, como Gottmann, Jean. *Évolution des villes et avenir de la civilisation urbaine. Revue Générale Belge*, jan. 1969, pp. 161-177. Ver também Stigler, G. J. *Trends in Employment in Service Industries*, Princeton, University Press, 1956.

Na prática, era preciso admitir que o *quaternário* se aplicava melhor no âmbito da classificação das categorias socioprofissionais do que como uma categoria de empresas ou indústrias, como eram os três setores de Colin Clark. É claro que hoje uma grande empresa petrolífera abrange os três antigos setores e, por conta de suas atividades de refino, transporte e distribuição, não pode ser confinada ao setor primário. O pessoal desta empresa pertence, evidentemente, a uma ampla variedade de categorias socioprofissionais e se enquadra no quaternário em serviços administrativos, estudos, laboratórios de pesquisa e também em cargos tais como os capitães de longo curso que comandam os petroleiros. Poderíamos multiplicar esses exemplos. Nesse estágio e no contexto desta comunicação, é importante enfatizar que as atividades transacionais penetram em todos os tipos de ramos da atividade econômica, mas sua distribuição geográfica é influenciada por sua dependência dos mercados de trabalho oferecendo boas oportunidades para o recrutamento de trabalhadores quaternários.

Essa força de trabalho não está em todo lugar. Esteve desde 1945 e permanece em uma posição vantajosa: a demanda é maior que a oferta. Ela se concentra nos lugares onde espera encontrar as melhores oportunidades de emprego, a escolha mais abrangente, as mais sérias esperanças de progresso, as condições de vida mais animadas e agradáveis. É uma força de trabalho exigente, cujo gosto foi formado com sua competência. Isso explica a concentração nas grandes cidades e em outros locais selecionados, como Genebra, a Riviera Francesa, Grenoble, etc. Percebemos que o conceito de "mercado de trabalho" não está ultrapassado, mas que hoje adquire um significado muito diferente do que era na época da Revolução Industrial e até por volta de 1950.

III. Uma geografia das transações

A distribuição das populações e suas atividades foi ditada por muito tempo pelas necessidades de suprimento, ou seja, pelas condições naturais de produção e transporte. Ao longo dos tempos, o esforço prometeico da maioria dos povos gradualmente liberou a geografia econômica dessas barreiras tradicionais. Nossa era está passando pelo ponto de virada essencial, marcando a emancipação dos homens dos trabalhos mais exigentes na produção. A geografia deve refletir essa emancipação das condições naturais, talvez não apenas para os instrumentos de produção e transporte, embora estes também adquiram possibilidades de transposições até então impensáveis, mas certamente para a distribuição dos locais de trabalho das atividades de tipo transacional.

Os centros transacionais notáveis são atualmente muito pouco numerosos. Suas localizações são muito bem definidas por uma colaboração estudada entre a história e a natureza. Mas essa distribuição está em plena fluidez. É importante descrevê-la, analisá-la e entendê-la. O geógrafo primeiro pensará na competição entre localidades que leva à seleção; se preocupará em comparar lugares, características, redes. Mas não pode ignorar os mecanismos internos do centro de transações: o funcionamento desses mecanismos explica o que está agrupado ali e o

que pode divergir dele; também explica as necessidades e recursos desse centro e, portanto, sua posição relativa na competição com possíveis rivais.

Até que ponto as transações exigem uma grande concentração de escritórios e outros equipamentos especializados? A resposta a esta pergunta ainda não foi formulada. Observando as tendências recentes, a atual expansão das atividades transacionais é um fator essencial de concentração. Em nossa opinião, ela explica a vitalidade das formas modernas de centralidade urbana; e é amplamente explicada pela evolução dos mercados de trabalho em direção ao "quaternário". No entanto, a mão-de-obra é apenas um dos fatores que conectam as atividades transacionais em feixes cuja complexidade não para de se refinar.

A resistência que os grandes centros de negócios opuseram às políticas de descentralização e o crescente congestionamento de tráfego ao redor deles levou as autoridades a desejar uma análise sistemática da situação. Geógrafos e planejadores britânicos e suecos, economistas americanos estão debruçados sobre esses problemas. O estudo metropolitano da região nova iorquina liderado por Raymond Vernon, de Harvard, tentou demonstrar os mecanismos de Nova York, mas não conseguiu produzir o estudo desejado das atividades de escritórios aglomeradas em Manhattan⁸. O grupo de estudo liderado pelo arquiteto Peter Gowan, do *University College London*, publicou recentemente um volume interessante sobre os escritórios de Londres. Outra equipe da *London School of Economics* está tentando analisar os contatos e as redes de trabalho estabelecidas entre escritórios e outras instituições no centro de Londres⁹. Eles utilizam bastante os métodos suecos. Essas pesquisas são guiadas primeiramente pela preocupação de ter mais êxito na descentralização do Quaternário e, em seguida, pela preocupação em resolver os problemas de circulação.

Nenhum desses estudos parece ter considerado todos os problemas que devem ser formulados em uma análise dos centros transacionais. É certo que nossas sociedades de economia avançada estão evoluindo rapidamente para estilos de vida cujas ocupações serão amplamente e cada vez mais transacionais. Em vários países, geógrafos e economistas falaram da função de "tomadores de decisão" e do "decision-making process". Até agora, essas decisões, que são o produto final do trabalho transacional (que envolve uma longa preparação antes do ato da decisão), exigem contatos pessoais, face a face. É de se perguntar se a descentralização e o congestionamento poderão ser resolvidos no futuro por equipamentos eletrônicos e de informática tão desenvolvidos, generalizados e aperfeiçoados que todo o trabalho

8 Ver em particular: Hoover, E.; Vernon, R. *Anatomy of a Metropolis*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1959; Gottmann, Jean. Urban Centrality and the Interweaving of Quaternary Functions, *Ekistics*, Atenas, maio de 1970, pp. 322-331.

9 Ver: Cowan, Peter et al. *The Office: a facet of urban growth*, Londres, 1969; Goddard, John. Changing Office Location Patterns within Central London. *Urban Studies*, v. 4, 1967, p. 276-285; Goddard, John. Multivariate analysis of office location patterns in the City Centre: a London example. *Regional Studies*, v. 2, 1968, p. 69-85; bem como as várias publicações do *Location of Offices Bureau* de Londres, órgão de descentralização dos escritórios da região de Londres.

transacional será realizado por meio dessa rede de comunicações remotas, cada um em sua própria casa. Os poucos estudos que conseguimos esboçar, ou dos quais temos conhecimento, parecem concluir na direção oposta. É duvidoso que o homem, espécie combativa, inquieta e gregária, concorde em fazer os trabalhos que envolvem sua responsabilidade de maneira isolada e por meio de imagens em vez de procurar se encontrar em locais devidamente organizados¹⁰.

O custo das redes de comunicação consideradas dessa maneira seria certamente muito alto e o uso massivo levaria a um certo congestionamento nas ondas e cabos. No futuro imediato, parece-nos muito improvável que o trabalho transacional possa assim ser disperso no espaço. A geografia dos centros transacionais está apenas começando a se manifestar na organização do espaço e em nossos gêneros de vida. O número de transações deve continuar aumentando por, pelo menos, três razões: primeiro porque a humanidade, sua produção e seu consumo estão aumentando; segundo, porque a expansão obriga a uma divisão cada vez mais refinada do trabalho, produzindo constantemente novas categorias profissionais; finalmente, porque para se adaptar às constantes mudanças nos ambientes e estruturas que os cercam, os homens devem multiplicar as transações.

A nova geografia dos centros de transações está em plena fluidez. Estudar esse novo campo que está se abrindo para os geógrafos nos permitirá entender melhor a distribuição das pessoas e seus gêneros de vida no espaço, e talvez até mesmo as estruturas profundas e em movimento da sociedade.

Tradução: Victor Iamonti (Doutorando em Geografia Humana na Universidade de São Paulo) e Wagner Nabarro (Professor no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo)

10 Ver o artigo de Brian J. L. Berry citado na nota acima, bem como os trabalhos apresentados em janeiro de 1971 no *Service Industries Symposium* do *Institute of British Geographers*, em particular por John B. Goddard.